

*Provided for non-commercial research and education use.
Not for reproduction, distribution or commercial use.*

Revista Portuguesa de Humanidades *Estudos Literários*



This article appeared in *Revista Portuguesa de Humanidades* (2016, V. 20, 2 – *Mulheres Proféticas na Literatura, História e Cultura*) published by *Axioma – Publicações da Faculdade de Filosofia*. The attached copy is furnished to the author for internal non-commercial research and education use, including for instruction at the authors institution.

Other uses, including reproduction and distribution, or selling or licensing copies, or posting to personal, institutional or third party websites are prohibited.

Authors requiring further information regarding *Revista Portuguesa de Humanidades* archiving and manuscript policies are encouraged to visit:

<http://rphumanidades.braga.ucp.pt/>

The copyright of this article belongs to *Aletheia – Associação Científica e Cultural*, such that any posterior publication will require the written permission of the President. For the use of any article or a part of it, the norms stipulated by the copyright law in vigor are applicable.



Revista Portuguesa de Humanidades
Director Prof. Doutor Miguel Gonçalves

ALETHEIA - Associação Científica e Cultural
Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais
Praça da Faculdade, 1
4710-297 BRAGA
Portugal
aletheia.ffcs@braga.ucp.pt

Sibilas: da Babilônia ao Brasil

MARIA CLÁUDIA ALMEIDA ORLANDO MAGNANI

UFVJM- Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri - Brasil.
magnani@redecitel.com.br

Abstract

Sibyl's myth has a long time reach and has survived thru many and distinguished places, unlike many other. From the myth to the real women, from Babylon to Greece and the Hellenized people in the Cristian culture, from Europe to colonized America, between mysteries and revelations, the survival of the Sibyl in the literature, in music, in painting, intrigues and remains among us. This work intends to approach the universal dimension of those prophetess, and at the same time show the unlimited of the meanings they've taken, since their first appearance to their unexpected arrival at the Portuguese colony in America.

Keywords: Sibyls; prophetesses; myth; art

1. O mito das sibilas

O intuito deste artigo, longe de tencionar fazer de forma ampla a história do profetismo das sibilas, não é outro senão o de tocar em pontos fulcrais dessas figuras femininas e abordar sua presença na música, na literatura, na pintura e na escultura, ainda que rapidamente, em um esforço que pretende se abrir ao debate e provocar o interesse na abordagem desse comparecimento tão frequente na história da humanidade.

Poucos mitos tiveram um alcance temporal tão longo e a sobrevivência em tantos e distintos espaços como o mito das sibilas. Ao longo da história da humanidade, todas as culturas criaram mitos que pretendiam dar respostas às questões fundamentais do ser humano. Assim, perguntas sobre dualismos como mudança e permanência, vida e morte, ser e não ser, estaticidade e movimento, natureza e cultura, dentre outros, pretenderam ser respondidas pela mitologia em diferentes momentos e locais ao longo do percurso histórico da humanidade (CHAUÍ, Marilena 2000: 19-30). É nesse contexto mitológico que se inserem as sibilas e seus oráculos. O registro mais remoto dos oráculos sibilinos se dá na Babilônia, na

vasta osmose espiritual entre oriente e ocidente dos antigos, migrando daí para a cultura greco-romana (PERETTI 1943: 11-12)¹.

Na mitologia greco-romana, as sibilas, quando ligadas a um deus, são profetisas de Apolo e têm a função de dar a conhecer os seus oráculos. Não se sabe ao certo a origem do nome Sibila, que permanece envolta em mistério. A primeira tentativa de explicação etimológica do termo se deve a Varrão que afirmou não serem os livros sibilinos obra de uma única sibila, uma vez que todas as adivinhadoras do mundo antigo eram chamadas assim. Esse autor faz uma associação entre o termo sibila e a manifestação da vontade do deus a partir do dialeto eólico. Dentre os contemporâneos que se dedicaram ao tema, destaca-se a hipótese de Hrozný que faz uma associação entre termos acádicos (babilônicos anteriores ao domínio assírio) Sibū = velho e Ilu = deus. Sibila seria assim, a velha que fala pela emanção do deus (Hrozný: 93 *in* Pascucci 2011: 6). No mundo cultural de influência helenística Apolo foi o deus oracular mais importante. Como seres mortais, as profetisas faziam o elo entre o profano e o sagrado atendendo à necessidade humana tanto de se comunicar com o transcendente, como de saber dos acontecimentos porvindouros. A urgência em saber os acontecimentos futuros se fez notar na criação de outras figuras mitológicas como Prometeu, Orfeu, Hermes Trimegisto e na existência de outras profetisas além das sibilas: as pitonisas. Ambos os tipos de profetisas falavam em momentos de transes. Diferentemente das sibilas, as pitonisas faziam uso de vapores advindos de ervas alucinógenas e falavam sobre os futuros pessoais daqueles que as procuravam. O estado profético das sibilas é descrito como um estado de furor, de sofrimento, no qual elas são traspassadas por uma força superior e dolorosa, advinda do deus, para vaticinarem. Diversamente das pitonisas, sibilas profetizavam sobre futuros coletivos como resultados de guerras, com vitórias ou derrotas, sobre riquezas e pobreza das nações, sobre decisões políticas de resultados dramáticos para a coletividade.

¹ A respeito das sibilas e sua origem babilônica, ver Pausanias, *Description of Greece*, x.12 edited with commentary and translated by Sir James Frazer, 1913 edition. Cf. v.5, p.288. Ver também Pausanias, 10.12.1 em Perseus Project, disponível em <http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus:text:1999.01.0160> acessado em 12 de julho de 2016 e ainda Cervelli, Innocenzo (2011). *Questioni Sibillini*. Veneza: Istituto Veneto di Scienze Lettere ed Arti; Smoller, Laura Ackerman (2010). *Teste Albumasare cum Sibylla: astrology and the Sibyls in medieval Europe*. In *Studies in History and Philosophy of Biological and Biomedical Sciences* 41 pp 76-89. Department of History, University of Arkansas, e Blanco Gonzáles et all, *Las sibilas de la capilla del Junterón (Catedral de Murcia)*. Aproximación al problema ideológico de la teología española del Renacimiento, *Anales de la Universidad de Murcia*. Letras, 1983, disponível em . <http://hdl.handle.net/10201/12836>, acessado em 12 de julho de 2016.

Os seus transe independiam do uso de alucinógenos. Enquanto as pitonisas se punham nos templos, e profetizavam *ex tempore*, as sibilas eram ambulantes ou se mantinham em antros localizados em grutas ou cavernas. Outra diferença com relação às pitonisas é o fato de que os oráculos das sibilas eram escritos em livros e vinham sempre falados na primeira pessoa. As sibilas viam um futuro mais longínquo a partir de um passado imemorial e falavam sem ser interrogadas. As pitonisas eram interrogadas sobre futuros próximos e nos êxtases eram precedidas por Apolo. Se alguma vez falavam na primeira pessoa, o próprio Apolo estaria a falar pelas suas bocas (Pascucci 2011: 5-6). Como é comum ocorrer nos mitos, várias versões inconciliáveis circulam sobre o momento do surgimento da sibila na Grécia. Baudoin (2012: 62-70), entretanto, aponta um momento preciso: a sibila teria aparecido pela primeira vez no século VIII a.C., época na qual, ela teria se apresentado como filha de Lamia, por sua vez filha de Posídon, durante as celebrações dos jogos de Corinto. As suas profecias nunca são respostas, mas visões. Não se trata do *logos* de Delfos, mas da linguagem das visões, de profecias ocasionais. Contrariamente à voz oracular centrípeta das pitonisas de Apolo, a voz da sibila, dotada de um poder que não é aquele de apaziguar ou dominar a natureza, seria uma voz centrífuga, que se confunde com todas as formas da localidade do real (Baudoin 2012: 62-70).

Um tema que de maneira geral está associado ao mito das sibilas é o da virgindade. Apesar de estar sempre presente na tradição literária, a virgindade sibilina não exclui o matrimônio. As sibilas se uniam em núpcias a Apolo – cuja escolha só poderia ser uma esposa virgem – que por meio de uma insuflação divina, as engravidava de seus oráculos. Dessa maneira, a sua virgindade não excluía também a possibilidade de uma gravidez (Pascucci: 2011 5-6). A predominância da associação com a virgindade, não elimina algumas abordagens que associam essas profetisas a uma interpretação erótica, como faz Rossi (2000: 71-81) ao vincular a sibila Apenina, a partir da identificação da presença de cultos heréticos na gruta que leva o seu nome, a um motivo erótico amoroso como chave interpretativa do mito.

Para a população de cultura helênica, a voz severa da sibila era familiar. Veja-se com relação a isso o fragmento 92 de Heraclito de Éfeso²: “E a Sibila com delirante boca sem risos, sem belezas, sem perfumes ressoando mil anos ultrapassa com a voz, pelo deus nela”. A fisionomia dessa profetisa pagã é delineada

² Cf. Os Pré-Socráticos Vida e Obra (1996). Coleção Os Pensadores. São Paulo : Abril Cultural. Tradução de José Cavalcante de Souza

por meio das fontes gregas mais antigas como um “tipo”, isto é, como um indivíduo único, mas que se repete em uma multiplicidade de indivíduos e nomes, reaparecendo em diferentes figuras femininas unidas por alguns traços distintivos. Ainda que seja frequentemente ligada em alguma medida à esfera apolínea, sobretudo na época antiga, a sibila se apresenta em grande medida como uma fonte autônoma de revelação divina. Esta característica permitiu que o mito se propagasse em diferentes culturas e momentos. Potente intermediária entre céu e terra, ela perscruta a obscuridade dos tempos mais remotos e enxerga os futuros mais longínquos. Criatura vagante e misteriosa, inspirada do alto, a princípio livre de condicionamentos institucionais nos seus presságios – quase sempre dramáticos, de desventuras e punições – a sibila fala sem ser interrogada lá onde e quando urge nela a possessão divina (Pascucci 2011: 5-6). A sua característica principal e distintiva em toda a tradição greco-romana é o *status* de porta-voz possuída pela divindade, como um canal de comunicação sem mediações entre os níveis divino e humano. Dessa forma, podia simbolizar em certa medida a população como um todo, que adquiria por meio dela uma condição sobrenatural pela qual estava capacitada a comunicar as mensagens divinas aos fiéis.

Apesar da estreita conexão entre a lenda e a tradição artístico-literária, apesar de serem substrato uma da outra, essas duas linguagens desenvolvem-se paralelamente, como águas próximas que não se podem unir completamente. Segundo Ferri (2007: 56) a lenda da sibila é pura e exclusivamente italiana, enquanto as outras manifestações são europeias, ou quase totalmente europeias. O que interessa aqui, no entanto, é o caráter de universalidade desse mito. A sua forte e diversificada sobrevivência, deve-se, segundo Ferri (2007: 61) a um “*principium vitae*” que remete à sua primordial composição humano-religiosa. Assim, mesmo na tradição popular, a sibila, ou ao menos seu nome, permanece até os dias atuais. Não é raro que atualmente esse mito apareça transformado, degenerado, quase irreconhecível, mas sempre exuberante em sua metamorfose. Como exemplo disso há um caso pitoresco existente no ambiente rural italiano, o dito popular “encontrar a sibila”: Acredita-se que os gatos negros tenham um osso a mais que os gatos não negros. Não se sabe onde esteja articulado ou como se tenha formado. Aquele que, achando esse ossinho, o ponha em sua boca, torna-se invisível aos olhos dos outros. Terá então “encontrado a sibila” (Ferri: 2007 55). Outra forma degenerada, um tipo de tortura tomou o nome de sibila, na Itália: a prática na qual os polegares ou os dedos em geral eram esmagados em uma série de laços feitos de cordas, cujo objetivo era extrair a verdade por meio da dor. Essa técnica era reservada às mulheres. Conquanto a sibila também fosse vista como a guardiã da verdade, ironicamente a tortura era dedicada à extração da verdade nas mulheres. A pintora Artemisia Gentileschi foi assim torturada em 1612 por

ocasião do processo movido contra seu mestre Agostino Tassi por assédio sexual (Kerrigan 2001: 57-59). Como exemplo de sobrevivência do mito pode-se também recordar a existência da Sibilla Barbaricina na Sardenha – mulher vivente no século XX – e suas práticas mágico-religiosas, cujas notas etnográficas com autoria de Raffaello Marchi foram publicadas pelo *Istituto Superiore Regionale Etnografico della Sardegna* (ISRE) em 2006. Outro modelo exemplar de permanência do mito, a cartomancia, ainda hoje é praticada com cartas sibilinas: *La Vera Sibilla Italiana* é perpetrada contemporaneamente na Itália (Tuan: 2014 7-127).

De errantes a enclausuradas em seus antros; de virgens a eróticas; de portadoras do *logos* humano ao discurso divino e delirante; de mito a mulheres reais; da Babilônia à Grécia e aos povos de cultura helenizada do mediterrâneo; de Roma e dos judeus helenizados à cultura cristã; da Europa à América colonizada, entre mistérios e revelações, a sobrevivência da sibila na literatura, na música, na liturgia, na pintura, intriga e permanece entre nós.

2. As sibilas na história: propaganda político-religiosa

Os oráculos das sibilas e a peculiaridade das suas revelações exerceram um papel relevante nas civilizações nas quais atuaram, seja no âmbito da política, seja no âmbito da religião. Uma peculiaridade do mito – o fato de se tratar de mulheres reais e não de entidades imaginárias – criou também a possibilidade de uma peculiar atuação na vida prática das comunidades. O mito das sibilas se prestou, assim, a diferentes funções e se adaptou a diversas culturas em épocas distintas.

Como nos informa Monaca (2011: 17-18), a *facies* adivinhadora das sibilas apresentou-se aos gregos e aos povos de cultura helenizada do mundo Mediterrâneo como uma fonte livre de revelação divina. Essas criaturas vagantes, movediças, não tinham a princípio vinculações institucionais e ainda assim se inseriram na história da humanidade à qual prenunciavam (sem ser interrogadas) eventos, catástrofes, desventuras. Essa condição de independência institucional cedeu lugar a uma espécie de revelações institucionalizadas e severamente vigiadas no sentido de garantir a subsistência da *Urbe* e de seus cidadãos, perfeitamente integradas ao contexto sócio-político romano. O complexo fenômeno sibilino deve ser assim compreendido a partir da inteligência da sua utilização para fins políticos e religiosos na sua relação com a história do homem. A adivinhação teve sempre um papel vital para a manutenção da *Urbe*, com uma inserção peculiar na vida religiosa, cultural e social dos povos mediterrâneos, desde os tempos

mais antigos. As crenças romanas em relação à adivinhação tiveram um papel particular na esfera política e religiosa: os cidadãos romanos, para se assegurarem da aprovação dos deuses em cada ação política e pública que estavam empreendendo, recorriam a oráculos para que a paz entre homens e deuses não fosse interrompida. Para gregos e romanos a prática da adivinhação ou a ciência da interpretação das mensagens simbólicas enviadas pelos deuses em linguagem humana, era um meio habitual e sempre disponível para determinar a vontade dos deuses sobre qualquer problema imaginável. Oráculos, adivinhações e profecias se imbricavam em um conjunto de meios para revelar a relação dos homens com os deuses. Como a mensagem dos deuses era enigmática e complexa, ela deveria ser interpretada pelos especialistas: magistrados e sacerdotes. Assim se interpunham entre o oráculo da sibila, de linguagem delirante e independente e a sua utilização política e religiosa, a interpretação adequada às conveniências, feita por meio de homens ligados ao poder (Monaca 2011: 21-22).

O mito da sibila pode também ser compreendido como propaganda política e religiosa. Nesse sentido, Peretti (1943: 08-12) recorda que não se pode negligenciar a sua utilização no contexto judaico em contraposição ao estado romano. Segundo esse autor, as grandes etapas da conquista romana do Oriente foram sempre acompanhadas de um renascimento exuberante dos oráculos de propaganda. Em todas as fases dos grandes duelos seculares pela supremacia mundial (oriente-ocidente), os oráculos apareceram como propaganda, seja contra ou a favor de Roma. A aversão e o ódio contra Roma tiveram, no oriente, nos autores dos apocalipses judeus, os intérpretes mais eloquentes e implacáveis. Nas mãos de Israel os oráculos foram arma de combate, tanto mais eficaz e terrível quanto mais adotada em meio a massas populares perpassadas pelo misticismo messiânico e pelo fanatismo religioso. Tudo isso num momento em que, mesmo para os povos ocidentais, a política não era mais do que uma irrequieta religião. A história do texto da sibila judaica reflete a história do judaísmo helenístico, que na diáspora veio a ser uma religião missionária na medida em que passou fatal e inadvertidamente do plano puramente espiritual para o terreno dos antagonismos políticos e militares. Um dos meios mais eficazes do proselitismo judaico na idade helenística foram os oráculos de propaganda religiosa e política. Os oráculos sibílicos foram assim utilizados antes e depois que Roma iniciasse sua política de expansão: como oposição e resistência pelos povos dominados ou ameaçados (uma arma terrível pela sua eficácia moral); tendo como resposta de Roma outros oráculos se objetando à propaganda oriental (Peretti 1943: 08-12). A complexidade desses livros, seja do ponto de vista das intrincadas questões históricas ou literárias, evidentemente não podem ser aqui aprofundadas por uma questão da exiguidade de tempo e espaço e por ultrapassar a proposta deste trabalho.

Nos oráculos sibilinos, desenha-se aqui e acolá o gradual e trágico traspasar da propaganda judaica do proselitismo missionário à ação política contra o estado romano. A ação dissolutiva e subversiva da perigosa difamação secular se propaga e se perpetua na obra dos oráculos sibilísticos cristãos (Peretti 1943: VIII-XI). Por fazerem parte desta forma particular de literatura apocalíptica na qual se visavam a propaganda e a defesa “contra os de fora”, os oráculos das sibilas se prestavam à promoção política e religiosa também em ambiente cristão. Assim, por meio de lamentações sobre o futuro de cidades e povos e anúncios do fim do mundo (afins aos atemorizantes vaticínios dos profetas veterotestamentários) testemunhavam a favor das religiões monoteístas (Alves 2006: 155-156).

Os oráculos sibilinos, adaptados pelos judeus, foram adotados pelos cristãos a partir da segunda metade do século II d.C. Em função da sua temática, forma e intenção tornaram-se apropriados para a afirmação do cristianismo diante da hostilidade romana. O processo de cristianização dessas figuras pagãs fez com que suas profecias fossem associadas a profecias messiânicas do nascimento, vida, paixão, morte e ressurreição de Jesus Cristo. Constantino, primeiro imperador cristão, na sua mensagem para o I Concílio de Niceia, realizado no ano de 325, interpretou a passagem das Bucólicas de Virgílio³, onde o autor fala da sibila, como uma referência à vinda do Cristo. A partir de então a representação das sibilas no mundo cristão foi possível em diferentes linguagens artísticas. Ainda que se conheçam representações que remontam ao século XI, é no Renascimento e no contexto da Reforma Católica que a utilização propagandística e persuasória das sibilas em contexto cristão se intensifica.

3. As sibilas na literatura

Do mundo pagão ao mundo cristão, a viagem das sibilas pela história foi possibilitada não só pela tradição oral, senão também, e de maneira fundamental, pela literatura. Assim, mito, lendas, contexto artístico e literário, político e religioso, se influenciam e se determinam mutuamente em uma inegável conexão com o todo que é a fragilidade do ser humano diante da sua finitude e das incertezas do seu porvir.

A presença maciça das sibilas na literatura levou o abade de Lecanu a perguntar: *Qui doncs a fait un libre sans y parler des sibylles?* (L'abbé

³ A respeito da mensagem das sibilas na mensagem de Constantino ver Alves, Célio Macedo (2001). *O ciclo pictural das Sibilas de Diamantina*. In Imagem Brasileira nº3. Belo Horizonte: Centro de Estudos da Imaginária Brasileira, 155-163.

Lecanu : 1857 I). Entre tantos textos, estão desde as profecias sibilinas enquanto tal até as citações e remissões de numerosos autores.

Descrever o conteúdo das primeiras profecias das sibilas babilônicas ou gregas e traçar o desenvolvimento dos seus oráculos até os nossos dias traria um problema particularmente difícil: o texto original das suas predições foi quase totalmente perdido e as suas origens devem ser deduzidas de poucos documentos restantes – a maior parte dos quais de momentos muito posteriores – e de citações de autores porvindouros. Assim, a inviabilidade da abordagem das primeiras manifestações das sibilas dá lugar ao enfoque da forma já desenvolvida da profecia na coletânea hoje conhecida como *Oracoli Sibillini*. Essa coletânea, segundo Parke (1992: 11), foi recolhida na forma atual, de um anônimo historiador bizantino do século VI d. C. São doze livros que apresentam uma mistura das formas gentílica, judaica e cristã, datados do período entre 140 a.C. e o século III d.C. Esses 12 livros restantes de 14 originais são numerados de um a oito e de 11 a 14. Os livros nove e 10 se perderam e o sete encontra-se muito danificado. O autor anônimo dessa coletânea informa no prefácio que recolheu o material de diversas fontes. São versos hexâmetros (como a *Ilíada* e a *Odisseia*, sendo por isso a sibila apontada como precursora de Homero) geralmente catalogados entre os apócrifos do Antigo Testamento. Pode-se identificar aí uma insistência na importância espiritual do estudo desses escritos gregos que tratam de Deus e de temas religiosos edificantes em total contraste com a literatura pagã. Isso faz supor que ele tenha deliberadamente excluído um suposto material não cristão. Ainda que alguns autores modernos pensem que não tenha se tratado de um autor cristão, mas, do Egito ou de Alexandria, de comunidades de hebreus helenizados, a ênfase frequentemente posta sobre o monoteísmo e sobre a pureza moral teriam assegurado ao leitor cristão a sua atitude religiosa diante do paganismo (Peretti: 1943: 08-12). Entre as diferentes supostas origens dos livros dessa coletânea, pode-se identificar o livro oitavo como sendo exclusivamente de origem cristã. Composto por 500 versículos é o livro mais utilizado e citado nos primeiros tempos do cristianismo. Inicia com 216 versículos de lamento contra Roma aos quais se segue o desenvolvimento de uma escatologia cristã (Parke: 1992: 11-15).

Os três livros judaicos dentre os sobreviventes dos *Oracoli Sibillini* estão entre os documentos mais importantes e significativos da propaganda religiosa e da força de expansão do judaísmo alexandrino. Um dos mais antigos testemunhos da postura anti-romana do judaísmo são os livros terceiro, quarto e quinto dos *Oracoli Sibillini*. O mais antigo oráculo judaico parece datar, como dito anteriormente, do século II a. C. Na época, os adversários de Israel eram a Síria e o Império Selêucida. Não era ainda Roma. Apesar disso, nos oráculos judaicos mais antigos – os do livro terceiro – há nove maldições contra Roma em

meio a lamentações contra a Macedônia, outros povos orientais e ainda contra a Grécia (*Oracoli Sibillini*: livro 3, 1-820).

É muito difícil ter clareza sobre esse mosaico de profecias. Contos mitológicos, propaganda religiosa, ideias controversas anti-samaritanas, exaltações messiânicas, motivos apologeticos e escatológicos se emaranham e se confundem com a propaganda política anti-romana, ora de origem oriental, ora propriamente judaica. Segundo Peretti (1943: 26-31) a coletânea sibilina é uma obra prima da manipulação e interpolação elevada a um sistema. A intercalação da sibilística judaica acolhe na sua obra apologetica e propagandística partes de uma sibila pagã muito antiga e dela se apodera juntamente com outras profecias pagãs, profanas e políticas, para a difusão do monoteísmo e da moral javeísta e atesta ainda uma solidariedade e certa afinidade entre o proselitismo judaico e aquele oriental de fonte pagã.

O livro sibilino não traz somente um problema literário de saber atribuições e fases primárias ou secundárias da coletânea, mas também um importante reflexo ideológico disso: aí confluem e se fundem expectativas, aspirações, motivos políticos, exigências morais e religiosas que não são propriedades exclusivas do judaísmo alexandrino, mas sim patrimônio espiritual da cultura helenística, herança de outras culturas orientais, em um trabalho comum de muitas religiões sincréticas (Peretti 1943: 31).

Que a escatologia judaica da idade posterior ao exílio babilônico foi profundamente influenciada pelo zoroastrismo e radicalmente modificada no seu caráter semítico é uma opinião muito difundida. A Sibila atinge grande parte dos seus temas não da tradição popular judaica, mas de uma obra apocalíptica maseísta surgida no Oriente no primeiro século a. C. e inspirada na propaganda religiosa e política da diáspora iraniana, ocorrida na época alexandrina. Essa obra perdida continha uma revelação atribuída ao antigo rei Persa Histaspes (pai de Dario I). Dessa obra temos poucas notícias e alguns fragmentos. O apocalipse de Histaspes, que é fruto do proselitismo na diáspora iraniana atribuído a um oriental helenizado, serve de fonte e de modelo para a propaganda missionária da diáspora judaica.

Confirmando a origem babilônica da sibila, Peretti afirma que o autor del Geffcken clareou pela primeira vez que parte dos oráculos antigos pagãos foi inserida na sibilística judaica do livro terceiro dos *Oracoli*. Dentre os resultados tidos como definitivos da pesquisa desse autor, está a existência de uma Sibila pagã dita babilônica ou berossiana, na qual se deveria encontrar a história da torre de Babilônia (Babel) e da confusão das línguas e a lenda da discórdia de Cronos, Titã e Japeto (Peretti 1943: 26-31).

Em um enlace lendário, pretende-se que os *Oraucula Sibillini* se tenham derivado dos ditos originais Livros Sibilinos: uma lenda narra que quando Roma estava em um momento crucial de passagem entre Monarquia e República, se apresentou ao rei (Tarquinio Prisco, segundo Varrão) uma velha senhora que logo se identificou como a sibila Cumana. A profetisa ofereceu ao rei, por 300 moedas de ouro, nove livros oraculares. O rei não aceitou e ela então queimou três, chamados Do Espírito. E propôs a venda dos seis restantes pelo preço inicial. Recebendo nova negativa, queimou mais três, chamados Da Alma, renovando a oferta dos últimos três sem alterar o preço. O rei, finalmente convencido pela insistência dos senadores, comprou os três livros restantes. Esses livros considerados fatais teriam sido perdidos em um incêndio em 83 a. C. Embaixadores foram enviados à morada da sibila Cumana e teriam voltado com milhares de versos que foram depositados no Templo Capitolino, em 76 a. C. Aí porém, estariam infiltradas falsificações de caráter político. As hipóteses sobre as origens e conteúdos originais dos livros sibilinos são pouco plausíveis. Há inclusive estudiosos que neguem sua origem grega, atribuindo-a aos etruscos. Não há, entretanto, a possibilidade de estudos definitivos sobre este tema (Pascucci 2011: 13).

Varrão, no século I a.C., teria afirmado que as sibilas não só vaticinaram a respeito dos perigos aos homens enquanto viventes, mas também teriam deixado por meio das fontes escritas um modo de permitir o conhecimento do que fazer no caso do aparecimento de algum prodígio (Pascucci 2011: 13). Esse autor, cujo nome era Marco Terêncio Varrão, teria vivido de 116 a 27 a.C. Em suas obras (quase totalmente desaparecidas e hoje conhecidas por meio de citações de Cícero, Lactâncio e Santo Agostinho) foram instituídas 10 sibilas, desta maneira arroladas em ordem de antiguidade: Pérsica, Líbica, Déléfica, Ciméria, Eritéia, Sâmia, Cumas, Helespontica, Frígia e Tiburtina (Parke 1992: 49-52).

Lactâncio, que viveu entre os séculos III e IV d.C. e se tornou conselheiro do primeiro imperador romano cristão, em sua obra *Instituições Divinas*, também se reportava à lista de 10 sibilas estabelecida por Varrão (Parke 1992: 37-66). Em 1465 houve na Itália a impressão do livro de Lactâncio, *Instituições Divinas*, seguida de uma espantosa (para a época) quantidade de seis edições no mesmo século. Isso sugere o quão esse tema foi popular e amplamente utilizado nas artes figurativas, especialmente nos círculos humanistas.

Também em Itália, em 1481, surgiu outro livro que suplantou o de Lactâncio e introduziu novos elementos na temática sibilina: *Dicordantiae nonnullae inter sanctum Hieronymum et Augustinum* do dominicano Felippo Barbieri. Entre as dissertações sobre os santos padres Agostinho e Jerônimo, há tratados de outros temas, onde se encontra um consagrado às sibilas e aos profetas que concordam em anunciar a vida de Jesus Cristo. Esse tratado teve imensa impor-

tância e exerceu grande influência na arte europeia, principalmente no que concerne às figurações dos 12 profetas do antigo testamento e das sibilas. Isso porque Barbieri aumenta para 12 o número das sibilas incluindo Agripa e Europa às 10 profetisas da lista de Varrão e Lactâncio. Ainda mais importante do que a modificação do número de sibilas foi o estabelecimento de um modelo concreto para escultores e pintores. Barbieri instituiu atributos específicos, idade, aspectos, costumes determinados. Essa foi a fonte iconográfica para muitos pintores do renascimento que representaram as sibilas na Itália. Uma exceção notável, no entanto, aparece: teria sido a partir de um tratado de Savonarola, o *Dialogo Dela Verità Profetica*, que Michelangelo realizara sua obra (Wind 1960: 49-50). Ressalta-se ainda que no livro de Barbieri, as profecias atribuídas a cada uma das sibilas divergem daquelas encontradas no livro de Lactâncio. Fato sugestivo de que o dominicano tenha bebido em outra fonte que não os *Oracoli Sibillini*. Smoller (2010: 76-89) sugere que o que Barbieri nos apresenta é de fato um texto astrológico disfarçado de profecias sibilísticas. Essa autora aponta a obra do astrólogo, filósofo e matemático persa do século oitavo depois de Cristo Albumasar (que teria com sua obra influenciado amplamente a teologia muçulmana) como a verdadeira fonte de Barbieri, ainda que o caminho pelo qual as palavras do astrólogo se transformaram naquelas das sibilas não seja simples ou linear. A associação das sibilas com o zodíaco foi representada por Pinturicchio nos afrescos do apartamento dos Bórgia no Palácio Apostólico do Vaticano. É a partir de Barbieri que Antônio de Souza Macedo estabelece os nomes e as profecias das sibilas presentes no seu livro *Ave e Eva*⁴, apenas colocando a Cumana em lugar da Europeia. Esse livro do século XVII teve grande circulação em Portugal e na colônia portuguesa da América, no século XVIII.

Quanto à tradição literária, Parker (1992: 37-45) cita Heráclides (387 a.C.) e Pausânias (180 d.C.) como investigadores efetivos da tradição sibilina, enquanto Heráclito, Aristófanes e Eurípides teriam feito citações de finalidade literária. Homero, Virgílio, Petrarca, Cícero, Diodoro, Isidoro, Clemente de Alexandria, Tibullo, Diógenes de Alicarnasso, Heródoto, Teófilo de Antióquia, Orígenes, Eusébio, Plutarco, Platão, Dante, Ovídio, Boccaccio, dentre tantos outros, figuram na abordagem de Innocenzo Cervelli, em seu livro *Questioni Sibillini* (2009: 3-372), como autores que citaram as sibilas. Pascucci (2011: 72-73) elabora um quadro com 53 fontes antigas e repertórios das sibilas, dentre os quais Heráclito,

⁴ O livro *Ave e Eva* teve diferentes edições e encontra-se disponível para leitura na rede mundial de computadores em edição de 1711, no endereço: <https://archive.org/stream/evaeaveoumaria00sous#page/264/mode/2up>

Platão, Aristóteles, Aristófanes, Cícero, Horácio, Santo Agostinho. Não se deve esquecer Tomás de Aquino, que na Suma Teológica legitima as profecias das sibilas enquanto iluminação divina. Constantino, primeiro imperador cristão, na sua mensagem para o I Concílio de Niceia, no século III, ao tempo da institucionalização da Igreja Católica Apostólica Romana, interpretou a passagem das Éclogas de Virgílio como uma referência à vinda do Cristo. Como dito anteriormente, isso possibilitou, a partir de então, a representação das sibilas em diferentes linguagens artísticas. As sibilas foram assim incorporadas do paganismo à cultura cristianizada por meio da literatura e se fizeram presentes em diferentes âmbitos também na cultura cristã.

4. As sibilas na música:

Como dito anteriormente, o mito das sibilas sobreviveu e esteve presente em distintas manifestações artísticas ao longo da história da humanidade. Se foi pródigo na literatura, não o foi menos na música. Na Idade Média, o Cântico da Sibila, que teve sua forma original entre os séculos VIII e IX, fazia uma interação entre o sagrado e o profano. Desde que Constantino pôs na boca das sibilas as profecias sobre o nascimento, a vida, a paixão, a morte e a ressurreição de Cristo, as profetisas pagãs passaram a fazer parte da cultura cristã, sendo em muitos momentos igualadas aos profetas do antigo testamento em sua importância. Assim, o profano e o sagrado se reafirmaram mutuamente em um amplexo cultural dentro de uma sociedade que era a um tempo devota e iletrada. A produção dos cânticos sibilinos coincide, no medievo, com a ascensão do culto mariano. O Cântico da Sibila é anônimo e seu texto trata dos vaticínios das profetisas acerca da vida de Cristo. Ao mesmo tempo em que dá voz às figuras pagãs, está intimamente ligado ao culto à Virgem Maria. Como no caso das Cantigas de Santa Maria, de Alfonso X, o Sábio (que se conserva em dois códices: na Biblioteca Nacional de Espanha em Madri e na Biblioteca del Real Monasterio, no Escorial), que é um *contrafactum* do Cântico da Sibila (Ferreira 2015: 87). Maria não aparece nos textos sibilinos, mas como se tratam de profecias apocalípticas, pede-se a sua interseção neste momento fatal. A música evoca, assim, o temor a Deus e a misericórdia da Virgem Maria. Para todo aquele que crê, o último horizonte da salvação é o juízo final, quando se acredita que a interseção da Mãe de Deus será fundamental.

O Cântico da Sibila era executado nas Missas de Natal até o século XVI quando foi banido do culto pelo Concílio de Trento por ser considerado profano e ofensivo a Deus. Há descrições da época que relatam a presença de jovens rapazes

no papel da sibila, usando indumentária feminina e perucas. Isso foi, na altura, considerado insultuoso. Apesar do banimento e da interdição, o Cântico da sibila continuou sendo executado pontualmente em alguns locais da Espanha e em Braga, na região do Minho, no norte de Portugal. (No caso da presença do Cântico da Sibila no rito natalício bracarense, trata-se da cantiga de Santa Maria n.º 422 de Afonso X.) Assim sobreviveram alguns manuscritos que foram fundamentais para que o Cântico da Sibila não se perdesse e se tornasse patrimônio imaterial da humanidade no ano de 2010. Além do já citado manuscrito de Alfonso X, destacam-se ainda os *Hores de la Setmana Sancta* de 1533, conservado nos arquivos da Catedral de Valência; e o *Llibre Vermell* do santuário da Virgem Maria de Montserrat, escrito entre o final do século XIV e o princípio do XV na Catalunha, um documento de extrema importância também para o conhecimento da prática musical associada ao culto de Nossa Senhora. O livro, que tomou esse nome graças ao veludo vermelho que o encapa desde o século XIX, traz um *corpus* de melodias criadas para evitar excessos em um espaço sagrado. Era cantado pelos peregrinos em momentos de oração (sagrados) e em momentos de confraternização (profanos). Restam somente 10 melodias das 14 originais⁵.

Em Portugal, na Sé de Braga, há registros do cântico das sibilas, executado nas missas de Natal. A crer nos estudos ora existentes é o único local naquele país onde permanece o Cântico, ainda preservado em suas fontes e manuscritos. As fontes identificadas por Ferreira (2015: 92) a partir da obra de Corbin (1952: 171, 285-290) foram: um breviário do final do século XIV mantido na Biblioteca Pública Municipal de Porto; um lecionário do século XIII, de tradição cisterciense, mantido na Biblioteca do Seminário de Braga; e um volume variado, parcialmente manuscrito, ainda em uso na Sé de Braga, no qual a parte concernente à profecia remontaria ao século XVI. O lecionário de Braga nunca foi objeto de estudo. Da Sé, existem ainda seis manuscritos que se encontram hoje no edifício adjunto do Arquivo e da Biblioteca. Todos têm conteúdo idêntico, ainda que alguns tenham datas distintas: incluem, entre outras peças, as preces para as Ladainhas de Maio e na parte final, a profecia da Sibila com sua música (Ferreira 2015: 93).

O Cântico da Sibila é, sempre, altamente evocativo e persuasivo. Há autores que apontam uma proveniência francesa, enquanto outros afirmam, por exemplo, que Alfonso X, o Sábio, teria composto os cânticos inspirado na cultura germânica proveniente da sua mãe, numa identidade suposta com a genealogia imperial (Ferreira 2015: 102-103).

⁵ Cf. artigo de Costa *in* http://www.snpcultura.org/vol_devocao_mediterranica_Virgem.html acessado em 29/03/2016.

Intrigante é o fato de que, ao mesmo tempo em que o Cântico da Sibila era banido como ofensivo, a utilização das imagens e a figuração das profetisas era incentivado e teve seu auge na Itália no século XVI. A utilização das imagens incentivada a partir do Concílio de Trento – 19º concílio ecumênico realizado pela Igreja Católica entre os anos de 1545 e 1563 – teve um fim prático, político e religioso no confronto com o movimento da reforma protestante. Fim este que não poderia prescindir do consenso em tais âmbitos, cuja obtenção lançaria mão inevitavelmente da persuasão e da propaganda possibilitadas pelo uso das imagens (Argan 2004: 8).

5. As sibilas na pintura e na escultura

A pintura parietal mais antiga que se conhece da Sibila está no Museu arqueológico Nacional de Nápoles e data do primeiro século depois de Cristo. Representa a Sibila, tendo um ramo de louro na mão, símbolo da sua atividade profética, com Apolo a seu lado.



Figura 1. Apolo e a Sibila, de Herculano. Nápoles, Museu Arqueológico Nacional, inv.9530

Data da Idade Média a primeira figuração das sibilas no mundo cristão em pinturas e esculturas. Em um primeiro momento, os artistas se contentaram em representar duas das 10 sibilas: a Eritréia especialmente na arte francesa e a

Tiburtina na arte italiana. Esta, pelo fato de que em uma lenda ali recorrente, ela teria concedido ao imperador Otaviano (Pascucci: 2011 13) a visão da Virgem com o menino Jesus ao colo. A representação e encenação dessa lenda se davam desde os fins do século XII. Dada a proximidade dos seus vaticínios com aqueles dos profetas do antigo testamento, as sibilas frequentemente foram representadas ao lado destes. É improvável que a arte cristã tenha representado as sibilas ao lado dos profetas antes do século XI. A figuração da Sibila Tiburtina, juntamente com os profetas, aparece pela primeira vez na Igreja de Santo Angelo *in Formis* em Cápua, na Itália, igreja fundada em 1058. Seguida do Mosaico de Santa Maria *in Aracoeli* em Roma (1130-1138), da porta de Ghibert no batistério de Santa Maria *del Fiore* em Florença e dos afrescos de Rafael em Santa Maria *della Pace*, em Roma (Ferri 2007: 60).



Figura 2. Sibila Tiburtina. Afresco de Santa Maria in Formis, Capua. Anônimo

As profecias cristianizadas de Lactânio, acima abordadas, foram tomadas como base para as primeiras pinturas e esculturas do mundo cristão. Na Catedral de Ulm, na Alemanha, foram esculpidas nove sibilas entre 1469 e 1474, cujas inscrições foram em sua maior parte retiradas das Instituições Divinas de Lactânio. O renascimento foi especialmente pródigo em figurações onde se observavam as aquiescências entre temáticas profanas e mitológicas e a História Sagrada. Um dos temas prediletos do humanismo foi a existência das sibilas na antiguidade clássica, prenunciando o nascimento, a paixão e morte e a ressurreição de Jesus.

Assim, se produziu sobre esse tema uma literatura moralizante, parangonas e as artes plásticas (Serrão e Goulart: 2004: 211).

De inegável importância foi o tratado de Barbieri, já aqui mencionado, para a representação pictórica das sibilas no renascimento, ainda que Michelangelo não o tenha utilizado para a pintura da Capela Sistina, onde figuram cinco sibilas e sete profetas.

Em se tratando da grande elasticidade do mito das sibilas e do seu imenso alcance espaço-temporal, cabe aqui tentar traçar o caminho das suas figurações até chegar à longínqua colônia portuguesa na América. Em Portugal, a tradição das sibilas é um pouco tardia em relação ao restante da Europa. No caso da literatura, antes de Antônio de Souza Macedo, o Auto da Sibila Cassandra de Gil Vicente, datado de 1513 é um marco nesse sentido. As sibilas estão presentes também em outras peças do mesmo autor, a saber, a Farsa da Lusitânia e a Exortação da Guerra (Serrão e Goulart 2004: 213).

Diferentemente dessas, Ave e Eva de Macedo é já uma obra do século XVII, época em que a Península Ibérica passava por uma “onda de profetismo” de influência tanto muçulmana quanto judaica. Essas crenças proféticas teriam feito parte do arcabouço ideológico da restauração portuguesa de 1640 e sobreviveram ainda por algumas décadas naquele século. Não se pode esquecer que as sibilas tiveram uma força considerável na Espanha exatamente no período da união ibérica que durou por mais de meio século. Assim se explicam a incidência considerável de pinturas de sibilas na América espanhola, notadamente no México, no Peru e em Santelmo na Argentina (Bauzá 2004: 83-91).

Há em Portugal nada além de um ciclo de sibilas na igreja de Nossa Senhora de Machede, aldeia de mesmo nome, na zona rural do Alentejo. Essa pintura mural está parcialmente danificada por repinturas e acréscimos setecentistas. Ainda assim, pode-se identificar a lógica narrativa de um programa simbólico de intencionalidade catequética que complementa a estrutura austera da arquitetura interna. O projeto da pintura, assim como o programa integral de ornamentos da igreja, deveu-se a Pero Vaz Pereira, que, na segunda década do século XVII, possuía uma sólida formação humanista e italianizante. A tarefa de afrescar as paredes da igreja ficou a cargo de um pintor anônimo que cerca de um século depois, cumpriu à risca o programa de Pero Vaz. O problema da autoria dessas sibilas (em número de oito, apenas seis visíveis e intercaladas por profetas e reis) não está resolvido. Também a sua base iconográfica permanece um mistério. Pode-se supor que a série de estampas de Crispín van der Passe, editada em Colônia em 1601 e que teve muita difusão na Península Ibérica, tenha servido de inspiração para as sibilas aí pintadas. Essa inspiração é amplamente comprovada no universo espanhol (Serrão e Goulart 2004: 211-238).



Figura 3. Sibila da Igreja de Nossa Senhora de Machede, Portugal. Foto: Jerónimo Coelho

Em Portugal, como se vê, a representação plástica das sibilas não teve muita fortuna se comparada com o restante da Europa. Excetuando-se referências literárias e humanísticas e o Cântico das Sibilas em Braga, o tema não inspirou nem os artistas, nem os mecenas portugueses na Idade Média e é quase ausente na idade moderna.

Se assim foi em Portugal, é de se imaginar que no Brasil também as sibilas não tenham encontrado figurações numerosas. Precisamente por isso o ciclo das sibilas existente no Arraial do Tijuco, antigo nome da cidade de Diamantina em Minas Gerais, é bastante intrigante.

É na Capela de Nosso Senhor do Bonfim, na abóbada da capela-mor, que, rodeadas por colunas paranínicas, se encontram quatro sibilas: Tiburtina, Délfica, Líbica e Frígia. As figuras estão representadas em meio corpo. As gravuras que servem de base iconográfica para essas sibilas, são indubitavelmente as de Crispijn Van der Passe e Magdalena Van der Passe, datadas de 1615⁶. Em Diamantina, as profetisas não guardam semelhança alguma com as sibilas do Alentejo. As do Arraial do Tijuco são as únicas até hoje conhecidas no Brasil. E a raridade dessas profetisas se acentua na medida em que, sem associação a profetas, anunciam a morte e a ressurreição de Cristo.

⁶ A identificação da base iconográfica foi feita com o apoio do acadêmico do curso de História da UFVJM Anderson Gomes Ribeiro.



Figura 4. Sibila Delfica da Igreja de Nossa Senhora do Bonfim e Sibylla Delphica, Crispijn van de Passe, o velho (del. & sculp.), 1615. Gravura a talho doce. Rijksmuseum, Amsterdã.



Figura 5. Sibila Frígia da Igreja de Nossa Senhora do Bonfim e Sibylla Phrygia, Crispijn van de Passe, o velho (del.) & Crispijn van den Queborn (sculp.), 1615. Rijksmuseum, Amsterdã.



Figura 6. Sibila Tiburtina da Igreja de Nossa Senhora do Bonfim e Sibylla Tiburtina, Crispijn van de Passe, o velho (del. & sculp.), 1615. Gravura a talho doce. Rijksmuseum, Amsterdã.



Figura 7. Sibila Líbica da Igreja de Nossa Senhora do Bonfim e Sibylla Libyca, Crispijn van de Passe, o velho (del.) & Magdalena van de Passe (sculp.), 1615. Rijksmuseum, Amsterdã.

Como essas sibilas foram parar no longínquo Arraial do Tijuco? Quem foi o responsável por essa escolha? Há fortes indícios de que a escolha da temática das sibilas tenha partido de José Soares de Araújo, um pintor bracarense que trouxe para a colônia uma requintada pintura de falsa arquitetura (Magnani e Oliveira 2015: 481-497). Esta hipótese, no entanto, não pôde ser documentalmente comprovada. Não foi encontrada documentação sobre a Igreja do Bonfim, todavia, a pintura do teto foi atribuída a Silvério de Almeida Lopes, um pintor nascido na colônia, que teria sido discípulo de Araújo (Santos e Miranda: 2000 411-428). Além das pinturas do teto da Igreja do Bonfim, há em Diamantina um ciclo de véus quaresmais ali chamados de panos sibilísticos, datados dos séculos XVIII e XIX que eram usados para cobrir os altares das Igrejas durante a Semana Santa. Dentre os panos sibilísticos do Tijuco, o mais antigo ainda se encontra no templo carmelita. Trata-se de uma sibila Frígia, envolvida em ornatos de falsa arquitetura. Os atributos dessa pintura – túnica, dalmática e manto; sobre a cabeça um chapéu cônico de abas pontudas, cujo cone está contornado por folhas de louro; na mão uma palma ou cana – repetem-se na Líbica que está pintada no teto da capela de Nosso Senhor do Bonfim, e na gravura de Crispijn e Magdalena Van der Passe. Como foi grande a influência de José Soares de Araújo em tantas igrejas e irmandades no Tijuco, é de se supor que tenha sido dele a escolha insólita dessa figura altamente persuasiva (Magnani 2012: 139-160). Na igreja de Nossa Senhora do Rosário de São Gonçalo do Rio das Pedras, distrito do Serro, vizinho a Diamantina, e ainda no universo do Arraial do Tijuco, existem até hoje dois panos de altares com a pintura de sibilas datadas do século XIX que ainda estão em uso na Semana Santa. No princípio do mesmo século, Caetano Luiz de

Miranda, discípulo do artista português, pintou duas sibilas em panos de altares para a igreja de Nossa Senhora das Mercês, cuja planta foi de autoria do artista bracarense. Outros panos são anônimos. Existem hoje, em Diamantina, sete panos sibilísticos, dos nove que foram inventariados pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, no princípio deste século. Existem ainda, dois no município do Serro, sem inventários.

Se abordarmos especificamente a pintura, no caso de José Soares de Araújo, torna-se quase impossível identificar características claramente ou nomeadamente bracarenses no seu trabalho. À exceção da pintura do coro alto da Sé de Braga, de Manuel Furtado, de clara inspiração no trabalho do jesuíta Andrea Pozzo, imortalizada na fotografia de Manuel Carneiro (Magnani e Oliveira: 2015 481-497). E a dificuldade vai além da lacuna documental. Por ter sido Braga uma cidade bastante rica e sede de um arcebispado de grande importância – há entre os bispos de Braga membros da Família Real – a renovação artística se fez notar. Assim, os tetos das igrejas em sua maioria não mantiveram suas pinturas do período do Barroco ou do Rococó. Com isso, fica restrita a possibilidade de intelecção a respeito dos tipos de pinturas que existiam ali. Os documentos relativos aos contratos e pagamentos dos pintores (entre os quais não se encontra nada relativo a José Soares de Araújo) não trazem jamais as características das pinturas encomendadas; não há descrições. Desse modo, não se pode saber se José Soares de Araújo vira em Braga pinturas de sibilas. Pode-se imaginar que o pintor tenha tido contato com gravuras (dentre elas, possivelmente, gravuras das sibilas) antes de ir para a colônia e que as levasse consigo. Pode-se afirmar, sem risco de erro, que a escolha de José Soares é a pintura de falsa arquitetura, ou quadratura. É essa pintura que o pintor bracarense leva para o Tijuco, e são envoltas em estruturas de falsa arquitetura que todas as sibilas pintadas em Diamantina aparecem, sejam elas no teto ou nos panos (Magnani e Oliveira: 2015 481-497). Aliando-se a isso o fato de que Braga é a única cidade em Portugal, até onde se saiba, que manteve o Cântico da Sibila entre suas tradições, pode-se supor que o pintor bracarense tenha tido contato com a cultura sibilina. Além das fontes dos cânticos sibilinos acima citados, foi encontrado um livro manuscrito de um bracarense, não do século XVIII, mas do princípio do século XIX, na Biblioteca Nacional de Lisboa, com o nome de *Historia Rezumida das Sibylas*, cujo autor aparece como J. B. V. G. desta cidade de Braga, datado de 1808. O manuscrito apresenta 12 desenhos das sibilas, claramente copiados das gravuras de Crispjin



Figura 8. Sibila Europeia de JBVG, História resumida das sibilas 1808, Biblioteca Nacional de Portugal, cota 11146 e Sibila Europeia de Crispin Van der Passe, Rijksmuseum.

Van der Passe⁷ do ciclo de 1601. Ainda que as sibilas do Tijuco fossem anteriores a 1808, isso vem mostrar que a cultura da sibila era existente em Braga.

Permaneça, assim, a hipótese de que as sibilas tenham sido levadas de Braga ao Tijuco por José Soares de Araújo. Profecia e morte são temas persuasivos, e se entrelaçam no teto da capela-mor do Senhor do Bonfim assim como é persuasivo o engano do olho proporcionado pela pintura de falsa arquitetura. Quadratura e sibilas fazem na Capela de Nosso Senhor do Bonfim um quadro suasório singular, em consonância com os cânones tridentinos, ao vincularem duas linguagens distintas com o objetivo essencial de emocionar o observador: a ampliação dos espaços na falsa arquitetura se eterniza no sibilar dos oráculos imemoriais das profetisas.

Percebe-se que o mito da sibila nos remete aos primórdios mais recônditos da nossa cultura e a sua plasticidade espaço-temporal e de conteúdo e forma

⁷ O conhecimento deste manuscrito foi-me dado pelo Doutor Eduardo Pires de Oliveira. Em co-autoria com este investigador e com a autorização formal da Biblioteca Nacional de Portugal estamos a preparar a sua publicação.

parece portar – ao mesmo tempo em que possuiu uma dimensão universal – uma possibilidade inesgotável de sentidos.

Referências

- Alves, Célio Macedo (2001). *O ciclo pictural das Sibilas de Diamantina*. In Imagem Brasileira nº3. Belo Horizonte: Centro de Estudos da Imaginária Brasileira, 155-163.
- Argan, Giulio Carlo (2004). *Ensaio sobre o Barroco. Imagem e Persuasão*. São Paulo: Cia das Letras.
- Baudoin, Claudie (2012): *Parchi di Studio e Riflessione La Belle Idée. Febbraio 2012. 4 vie di predisposizione alla divinazione in Mesopotamia e nel mondo Ellenistico* http://www.parcodena.org/prod/docs/adivinacion_CB-final_ESP.pdf.
- Bauzá, Francisco Hugo (2004). *Il Mito della Sibilla e le Sibille di San Telmo*. In Critica d'Arte Rivista Trimestrale dell'Università Internazionale dell'Arte di Firenze 8: 83-91.
- Cervelli, Innocenzo (2011). *Questioni Sibillini*. Veneza: Istituto Veneto di Scienze Lettere ed Arti.
- Chauí, Marilena (2000). *Convite à Filosofia*. São Paulo: Ática
- Corbin, Solange (1952): *Essai sur la musique religieuse portugaise au Moyen Age (1100-1385)* Paris, Les Belles Lettres: Collection portugaise 8, pp. 171, 285-290
- Ferreira, Pedro Manuel (2015). “Notas Sibilinas, Afonso X, Braga y María”. in Muntané, Maricarmen Gómez & Santamaría Eduardo Carrero (eds.), *La Sibila: Sonido. Imagen. Liturgia. Escena*, Madrid: Editorial Alpuerto, pp. 87-104.
- Ferri, Silvio (2007). *La Sibilla e Altri Studi sulla Religione degli antichi*. Pisa: Edizione ET.
- Keringan, Michael (2001): *Gli strumenti di tortura*. Roma: L'Airone Editrice.
- Lactancio (1990). *Instituciones Divinas*. Tradução de E. Sánchez Salor. Madrid: Editorial
- Gredos
- Lecanu (1857) *Les Sibylles et les livres sibyllins, étude historique et littéraire, thèse pour le doctorat en théologie*, Paris: Bailly, Divry et Cie.

- Magnani, Maria Cláudia A. Orlando & Oliveira, Eduardo Pires (2015). *José Soares de Araújo e Manuel Furtado de Mendonça: De Braga ao Tijuco. Reflexões sobre uma pintura perdida*. Braga: Revista Cultural Bracara Augusta. Vol. LX. Pp 481-497.
- Monaca, Mariangela (2005). *La Sibilla a Roma. I libri sibillini fra religione e politica*. Cosenza: Edizioni Lionello Giordano.
- Oracoli Sibillini: Testi Patristici (2008). Roma: Città Nuova
- Parke, Herbert William (1992). *Sibille*. Genova: Edizioni Culturali Internazionali Genova.
- Peretti, Aurelio (1943). *La Sibilla Babilonese Nella Propaganda Ellenistica*. Firenze: La Nuova Italia Editrice Firenze.
- Pascucci, Arianna (2011). *L'iconografia medievale della sibila Tiburtina*. Collana "Contributi alla conoscenza del patrimonio tiburtino", vol. VIII. Tivoli: Liceo Classico Statale "Amadeo di Savoia".
- Rossi, Paolo Aldo (2000). *Errante erotica eretica l'icona sibillina*. Montemonaco: Miriamica.
- Santos, Antônio Fernando B. & Miranda, Selma Melo (2000). "Artistas pintores do distrito diamantino: revendo atribuições". In: *IV Colóquio luso-brasileiro de História da Arte: A arte no mundo português dos séculos XVI a XIX: confrontos, permanências, mudanças*. Salvador. Atas. Salvador: Museu de Arte Sacra, Universidade Federal da Bahia, pp. 411- 428
- Serrão, Vítor & Goulart, Artur (2004). *O ciclo de frescos com sibilas e profetas da igreja de Nossa Senhora de Machede (c. 1604-1625) e o seu programa iconológico*. In *Artis Revista do Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras de Lisboa* 3: 211-238.
- Smoller, Laura Ackerman (2010). "Teste Albumasare cum Sibylla: astrology and the Sibyls in medieval Europe". In *Studies in History and Philosophy of Biological and Biomedical Sciences* 41 pp 76-89. Department of History, University of Arkansas.
- Tuan, Laura (2014). *Vera Sibilla Italiana*. Torino: Scarabeo.
- Wind, Edgar (1960). *Michelangelo's Prophets and Sibyls*. London: Oxford University Press.

